

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO NO PIAUÍ: CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO LIVRO “VELHAS ESCOLAS-GRANDES MESTRES” DE A. SAMPAIO

Alcebíades Costa Filho¹

resumo

O artigo é uma reflexão sobre história da educação no Piauí, a partir da leitura do livro *Velhas escolas - Grandes Mestres*. Seguindo o esquema da obra citada, enfoca a educação nas últimas décadas do século XIX e primeiras do século XX. No final do século passado prevaleceu a escola dos mestres do mato sobre a estrutura escolas que o Estado tentou implantar; esse é o aspecto dominante neste artigo. Mas encontra-se indicação da superação dessa fase inicial da estrutura escolar piauiense e a implantação de outra mais próxima dos dias atuais; que tem sua origem nas primeiras décadas do presente século.

abstract

The article is a reflexion about the education history in Piauí, from the reading of the book *Velhas escolas - Grandes Mestres*. Following the mentioned book scheme, it refers to the education in the last decordes of the century XIX and the first of the century XX. In the end of the last century, the rural masters school prevailed over the school structure that the State tried to implant; this is the dominant aspect in this article. But it finds indication of superation of this piauiense school structure inicial phase and the implantation of other nearer of the present days; that it has its origin in the first decades of the present century.

A história da educação. é tema pouco freqüente na historiografia piauiense. Não passa de uma dezena os autores que integram o conjunto historiográfico que tomou a educação como objeto de pesquisa. Entre os estudos publicados e que chegaram ao nosso conhecimento, somente “Educação e Sociedade no Piauí Republicano (Ferro, 1996)” trata, exclusivamente, sobre o assunto.

Nesse pequeno conjunto historiográfico a preocupação dos historiadores é com a escola, em especial, seu aspecto organizacional e funcional. O documento escrito, procedente do serviço público e conservado no Arquivo Público Estadual do Piauí, foi a fonte básica para a elaboração dos textos.

Nessa produção historiográfica uma característica marcante é a preocupação com o conteúdo explícito do documento. Os textos refletem o conteúdo documental; os fatos encontram-se no documento a espera do relato

1 - Aluno do Programa de Mestrado em Educação - UFPI

e poderão ser facilmente comprovados. A diferença entre um texto e outro fica por conta de um dado novo encontrado em um documento recém-descoberto².

A publicação de "Velhas escolas-Grandes mestres" de A. Sampaio introduz alento ao conjunto de textos sobre a história da educação no Piauí. Entretanto, a intenção do autor foi produzir um texto de reminiscências, recolhidas da tradição oral. A Sampaio confirma muitas informações com pessoas que viveram mais próximas dos fatos e estabelece comparação entre estas reminiscências e sua própria experiência de estudante, numa cidade do interior do Piauí, durante a primeira metade do presente século. E admite que quanto ao campo da educação o tempo move-se lentamente, parecendo querer perpetuar o sistema educacional. O livro faz de A.Sampaio um historiador diletante.

Não sendo um historiador por ofício, o pesquisador em história da educação pode tomar como fonte para a construção do seu relato histórico o livro de A. Sampaio? Na perspectiva de alguns pesquisadores sim, para outros não. Muitos pesquisadores preocupados com o ensino e a pesquisa na área da história da educação tem reclamado maior atenção para a "importância de problematização e de alargamento da concepção de fontes(...), no intuito de construir uma historiografia menos generalista e estereotipada..."³

Nessa perspectiva, fundamentando-se na orientação da Nova História é que Eliane Marta T. Loppes, professora de História da Educação da Faculdade da UFMG, escrevendo sobre a contribuição da História para a História da Educação pede a quebra da rigidez no uso das fontes tradicionais:

"é preciso que o historiador da educação se disponha a incorporar e articular, ao seu objeto específico, novos objetos, e recorrer a fontes menos ortodoxas. Penso nos escritos de propaganda(de colégios ou não), tratados de boa conduta, discursos edificantes, manifestos, panfletos, sermões, elogios, epitáfio, biografias de heróis exemplares ou não. Penso na literatura de qualquer qualidade, nos autos jurídicos e policiais, na iconografia, nas fotografias, nos emblemas, nas roupas, uniformes, insígnias, medalhas, gestos: nas cerimônias de festa e luto cívicos, religiosos, populares; na disposição e ordenação do espaço físico. Penso nos depoimentos e histórias de vida,

2 - Exceto o trabalho citado na primeira nota.

3 - NUNES & CARVALHO, 1993, p. 08.

tomadas muitas vezes como a única possibilidade, entre nós de resgatar práticas, e através deles poder rescaldar objetos que podem ser incorporados à memória.” (Loppes, 1990,p.35)

Na mesma linha da Nova História , pede mais, aqueles que desejam trabalhar nesta perspectiva devem “incorporar e articular outros saberes” aos da história da educação.

Nesse sentido, “Velhas escolas-Grandes mestres” pode ser tomada como fonte para reconstrução do processo de educação escolar no Piauí do final do século XIX e início do século XX. A reconstrução desse passado através, apenas de documentos escritos existentes em arquivos não permite uma visão próxima do devir histórico. A massa documental oficial escrita apontará, apenas, a organização do sistema escolar público e sua ineficiência; quando muito, apontará a existência de escolas particulares.

No livro de A. Sampaio, está subjacente o motivo da ineficiência do sistema escolar público. O ensino formal estava distanciado da realidade social piauiense. Para uma sociedade tipicamente rural qual o valor de matérias como Latim, Francês, Inglês, Política, Filosofia Racional e Moral?

A. Sampaio refere-se a inutilidade de alguns conhecimentos nesse meio rural, referindo-se ao mestre-escola Higino:

“Quando moço havia andado por fora, em cujas andanças travara conhecimentos com velhos guarda-livros, se bem que leigos, mas competentes, com os quais aprendera um pouco de escrituração mercantil do qual não fazia proveito, por não ter no que aplicar o quanto aprendera...” (Sampaio, 1996, p. 29).

A sociedade piauiense não esperava da escola nada mas do que “disarnar menino”⁵. Apresentamos um trecho lapidar sobre o assunto:

“Do compromisso de Mestre Berlamino Bola-de-ouro firmava de boca com os pais dos discípulos que lhes eram entregues, subtendia-se que, para os que não moravam com ele, a obrigação consistia apenas em ensinar ler, escrever e contar, enquanto que, para com os que ficavam de rede armada na varanda, além

4 - SZMRECSÁNYI, Tomás & QUEDA, Oriowaldo (Org. **Vida Rural e Mudança Social: leituras básicas de Sociologia Rural**, 3. Ed, São Paulo: ed. Nacional, 1979. V., ainda QUEIROZ, 1993, p. 18)

5 - Expressão que significa ensinar os rudimentos de leitura e escrita.

de letrá-los, garantia abrir-lhes as idéias, isto é, prometia ensinar-lhes fazer peas, cabrestos, abano, cofos, esteiras, jacás, balaios, urupembas, quibanos e uma infinidade de outras pequenas utilidades domésticas, que um homem prático, do interior, precisa saber para usá-las quando preciso. Além dessas pequenas coisas, ensinava ainda, mais por indústria e proveito próprio do que pelo gosto de transmitir o que sabia aos outros, a execução de muitos trabalhos pesados...”(Sampaio, 1996).

Entendemos que a sociedade piauiense, naquele momento, não submeteu-se aos ditames da estrutura educacional formal, oferecida pelo poder público e criou um sistema escolar peculiar, segundo suas necessidades. Ler, escrever e contar era suficiente para homens e mulheres que viveram suas vidas em fazendas dispersas pelo imenso território piauiense e cuja economia “apresentava em sua base unidades familiares que em condições normais eram praticamente auto-suficientes”(Queiroz, 1993, p.18). Era mais interessante aprender o que o cotidiano exigia para subsistir. Esse movimento de resistência da sociedade resultou na conservação da sua estrutura de desigualdade por um tempo muito longo.

Entretanto, como lembra Brandão (1982, p.22), cada sociedade “cria e desenvolve situações, recursos e métodos empregados para ensinar às crianças, os adolescentes, e também aos jovens e mesmo aos adultos, o saber, a crença e os gestos que os tornarão um dia o modelo de homem ou mulher que o imaginário de cada sociedade - ou mesmo de cada grupo mais específico, dentro dela - idealiza, projeta e procura realizar.”

Em “Velhas escolas - Grandes mestres” não encontra-se informação de que no Piauí existia prédios específicos para funcionamento das escolas públicas. Essa realidade já foi constatada por outros historiadores da educação, a exemplo de Nunes(1975) e não é difícil de ser detectada em conjuntos documentais que fazem parte do acervo do Arquivo Público Estadual do Piauí.⁶ Em geral as escolas funcionavam na residência dos professores, quando estes eram fixos. Pois existiam mestres que se deslocavam de povoado em povoado, de fazenda em fazenda “disarmando” as pessoas e ensinando práticas necessárias ao cotidiano da vida rural. A escola deve ser entendida como a reunião de alunos e professores nos alpendres das casas de fazendas ou

6 - Entre estes destaca-se relatórios e mensagens dos governadores (1840-1950).

residência do professor, em uma latada⁷ ou, raramente, telheiro, levantados especialmente para as aulas.

A chegada de um mestre-escola a um povoado ou fazenda era um fato que mobilizava toda a população no sentido de garantir-lhe subsistência digna durante a sua permanência no povoado. Preocupavam-se com acomodação, alimentação, local para as aulas, entre outras providências necessárias ao bom desempenho da função. É um indício do quanto a sociedade valorizava e respeitava o professor e seu ofício; o quanto a sociedade valorizava a educação formal que atendia suas necessidades.

Além disso, na sociedade piauiense do século XIX, o professor era um profissional raro, sua falta é abordada por todos que tratam da história da educação escolar. A maioria das escolas oferecidas pelo Estado não funcionavam por falta deles. O problema era mais crítico na área do ensino secundário, que durante todo o período provincial não conseguiu estabelecer-se no Piauí. As pessoas abastadas enviavam os filhos para fora da província, ou para a sede do município onde a escola funcionava com sofrível regularidade ou para as escolas particulares. Não raro, essas mesmas pessoas utilizavam-se dos “mestres ambulantes” para o ensino de primeiras letras aos filhos e só depois é que os enviavam às escolas estruturadas de acordo com a legislação vigente no país. As pessoas não abastadas contentavam-se com os serviços dos mestres-escola.

A. Sampaio chama a atenção para a falta de competência de muitos mestres-escola no exercício do magistério. Nunes (1975, p. 56) tem a mesma visão e cita documentos oficiais que informam sobre o problema. Entretanto, para o meio piauiense, esses mestres dominavam conhecimentos que a maioria da população não tinha e, acima de tudo, conseguiam “disarnar” aqueles que necessitavam dos seus serviços. Não interessava aquela sociedade que o mestre tivesse maior conhecimento livresco ou que dominasse técnicas pedagógicas. O importante era ler, escrever e contar e isso os mestres-escola faziam satisfatoriamente.

A escola dos “mestres-do-mato” ou “professores de varanda” não era seriada, as aulas eram ministradas em sala única. E o ensino a nível primário foi o mais difundido. Nunes (1975, p.48/295) constatou que na segunda metade

7 - Expressão usual na linguagem popular piauiense para designar uma cobertura de palha segura por forquilhas e varas; sem paredes de qualquer natureza. Serve de abrigo, principalmente, quando há grande ajuntamento de pessoas, que devem ser alojadas por poucos dias.

do século XIX o ensino primário foi o mais difundido no Piauí. Com certeza essa foi uma grande obra dos mestres-escola.

Na falta de material didático, os mestres-escola ensinavam a ler através de cartas:

"Era mestre cuidadoso no ofício, tinha sempre à mão um volumoso maço de velhas e enserotadas cartas, pacientemente coletadas entre pessoas de certa ordem, as quais, lá uma vez na vida recebia correspondências, cujas missivas o mestre estudava primeiro, para, depois de bem familiarizado com as letras dos missivistas, guardá-las como coisas de grande preciosidade, utilizando-as para ensinar aos discípulos ler tudo quanto era tipo de letra de gente". (Sampaio, 1996, p. 23).

Nunes (1975, p. 56/57) primorosamente transcreve trechos de cartas dos professores de Barras e Príncipe Imperial sobre as condições das escolas públicas nos referidos municípios. Além das cartas os alunos aprendiam a ler em jornais. Não faltava só professores e livros, faltava papel e tinta para escrever. O professor de Príncipe Imperial chegou a pedir ao presidente da província "um banco de areia" onde os alunos pudessem exercitar a caligrafia.

A **pedagogia do medo** predominava entre os mestres-escola do mato e quanto mais "duro, inflexível, carrasco" era o mestre mais aplausos recebia dos pais. Mas recebiam os "desconjuros da gurizada que o olhava de sosláio, à maneira do satanás quando espia a cruz."

As lições de leitura e tabuada são tomadas pelo mestre tendo ao alcance da mão a palmatória, relho e, até mesmo, facão. "(...) O discípulo relapso era posto de joelhos em cima de montinhos de caroços de milho com os olhos vendados por grotescos óculos de cacos de cabaça, ou ...ficava descalço no meio da areia quente, tendo ainda uma cadeira na cabeça, sobre a qual [o mestre] colocava uma pedra bem crescida" (Sampaio, 1996, p. 25).

A. Sampaio registrou o momento do surgimento da escola pública gratuita, com sede própria e professores formados pela "Escola Normal. A escola dos "mestres do mato" ou "professores de varanda" será cada vez mais levada aos limites das áreas rurais. Nas sedes dos municípios foram substituídas pelos grupos escolares.

Na visão do autor de "Velhas escolas-Grandes mestres" este é um

8 - Cf. NUNES, 1975, p. 58 e SAMPAIO, 1996, p. 17, 25 e 28.

momento de ruptura na história da educação formal no Piauí; momento que se prolongou por décadas seguidas. Os mestres-escola sentiram-se impotentes ante o sistema montado pelo governo: professores formados, ensino gratuito, obrigatoriedade dos pais de enviar os filhos as escolas, gratuidade de material didático, fardamento e merenda escolar, proteção trabalhista aos mestres (férias, aposentadoria, etc.), entre outros fatores foram responsáveis pela decadência do sistema escolar dos “mestres do mato”.

Esses são alguns aspectos que emergem do livro de A. Sampaio, “Velhas escolas-Grandes mestres”, seguramente uma fonte valiosa para o historiador da educação. Como ficou claro anteriormente, aquele que ignorar tão valiosas informações e insistir em ver o devir histórico apenas na documentação escrita e impressa guardada em arquivos oficiais, contentar-se-á em juntar peça por peça de uma ossatura descarnada e sem vida que nem de longe pode ser comparada ao movimento real da história.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.
- BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é Educação**. 5ª edição. São Paulo: Brasiliense (Coleção Primeiros Passos).
- FERRO, Maria do Amparo Borges. **Educação e Sociedade no Piauí Republicano**. Teresina, Fundação Monsenhor Chaves, 1996.
- LOPES, Eliane Marta Teixeira. **Uma contribuição da história para uma história da educação**. IN: **Em Aberto** (órgão de divulgação técnica do Ministério da Educação), ano IX, nº 47, Brasília, jul./set. 1990.
- NUNES, Odilon. **Pesquisas para a História do Piauí**. Rio de Janeiro, Artenova, 1975.
- NUNES, Clarice & CARVALHO, Marta Maria Chagas. **Historiografia da Educação e Fontes**. IN: **Cadernos da ANPED**. Nº 05, Setembro, 1993.
- QUEIROZ, Teresinha. **Economia Piauiense: da pecuária ao extrativismo**. Teresina, APeCHE/UFPI.
- SAMPAIO, A. **Velhas escolas - Grandes Mestres**. Esperantina: Prefeitura Municipal, 1996.